



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

NÃO PERTURBE, ESTAMOS EM SUPERVISÃO: O LUGAR DA SUPERVISÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL¹

Nairana Marczewski de Melo, Luciana Valquíria Kremin Mai², Priscila Hermes Mohr³, Pablo Pitágoras Stein Dos Santos⁴, Flávia Gai Soares⁵.

¹ Projeto de Pesquisa Realizado na Clínica de Psicologia da Unijuí.

² Nairana Marczewski de Melo; Luciana Valquíria Kremin Mai.

Acadêmicas do Curso de Psicologia e Estagiárias da Clínica de Psicologia da Unijuí.

³ Acadêmica do Curso de Psicologia e Estagiária da Clínica de Psicologia da Unijuí.

⁴ Acadêmico do Curso de Psicologia e Estagiário da Clínica de Psicologia da Unijuí.

⁵ Acadêmica do Curso de Psicologia e Estagiária da Clínica de Psicologia da Unijuí.

Resumo

Uma das frases mais pronunciadas e conseqüentemente, mais ouvidas na Clínica, quando perguntamos de algum colega, que não se encontra presente por um momento, é de que ele está em supervisão: “Cadê o fulano?” “Ah, ele está fazendo supervisão!” Mas, afinal, do que se trata isso, a supervisão? É uma exigência acadêmica? Uma demanda de formação? Estas questões nos guiaram para a construção deste estudo e transformaram peculiaridades e particularidades numa grande questão: Que lugar ocupa a supervisão no processo de formação do futuro profissional de psicologia ou psicanálise?

Palavras-Chave: Análise de Controle; Escuta; Estágio Clínico; Psicanálise, Supervisão.

Introdução

Entre as atividades de estágio na Clínica de Psicologia da Unijuí, cumpre-se 2h de estudos semanais, durante as quais, o grupo desenvolve atividades referentes à publicação do informativo Falando N'Isso, bem como o estudo de um tema relevante ao fazer clínico, escolhido pelos próprios estagiários. A passagem pela supervisão suscitou questões sobre aquilo que vem do paciente e claro, aquilo que nós, enquanto estagiários, levamos a ela. Motivados por estas e outras questões, construímos um estudo de intervenção nos grupos de trabalho da Clínica de Psicologia. As questões norteadoras foram: O que é supervisão? Que lugar ocupa a supervisão no processo de formação do futuro profissional? O que devemos levar à supervisão?

Objetivo Geral

Desenvolver um fazer acadêmico, enquanto estagiários da Clínica de Psicologia da Unijuí, que aprofunde conhecimentos, através da discussão e troca de experiências, buscando





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

sustentação na teoria psicanalítica e levando em consideração as questões surgidas a partir da prática clínica.

Objetivos Específicos

Intervir entre os demais estagiários da Clínica e questionar o que os mesmos entendem por supervisão. Procurar entender, tanto a visão do estagiário como a do supervisor, acerca do tema. Socialização em Reunião Clínica. Produção científica.

Método

- Intervenção nos grupos
- Pesquisa bibliográfica
- Estudos
- Socialização

Descrição e Análise

Uma das frases mais pronunciadas e conseqüentemente, mais ouvidas na Clínica, quando perguntamos de algum colega, que não se encontra presente por um momento, é de que ele está em supervisão: “Cadê o fulano?” “Ah, ele está fazendo supervisão!” Mas, afinal, do que se trata isso, a supervisão? É uma exigência acadêmica? Uma demanda de formação? Estas questões nos guiaram para a construção deste estudo e transformaram peculiaridades e particularidades numa grande questão: Que lugar ocupa a supervisão no processo de formação do futuro profissional de psicologia ou psicanálise?

Segue-se um breve histórico de acordo com artigo de Ana Maria Gageiro (2005, p. 7) sobre a prática da supervisão. O termo *Kontrollanalyse* foi empregado por Freud num artigo publicado pela primeira vez em tradução para o húngaro (provavelmente feita por Ferenczi) no periódico médico de Budapeste em 30 de março de 1919, cujo título era “Deve a psicanálise ser ensinada na universidade?”. No artigo, Freud indicava a necessidade de o futuro praticante assegurar-se da orientação ou do controle de um psicanalista experiente a fim de poder conduzir, por sua vez, as chamadas análises terapêuticas.

A palavra controle colocou-se primeiro no alemão, e mais tarde, em francês e espanhol por Lacan. Com o tempo, no entanto, o termo supervisão se firmou, principalmente nas associações psicanalíticas pertencentes a IPA, desaparecendo, assim, o termo em alemão.

Tomemos a palavra supervisão, que de acordo com o dicionário Aurélio significa: ação ou efeito de supervisionar ou supervisionar, dirigir, orientar ou inspecionar em plano superior. Este significado não é apropriado para a prática psicanalítica, onde o espaço privilegiado e particular da discussão clínica entre supervisor e supervisionando é sustentada por uma relação de transferência, ou segundo BRUN (em fala proferida na Clínica de Psicologia Unijuí, 2011), “por um afeto positivo”.

Esvaziar a palavra supervisão deste sentido comum permite apontar para outras significações: por exemplo, super-visão, no sentido de uma visão ampla, distanciada, “a boa



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

distância”, que faz borda entre um dentro e um fora, inseparáveis por um lado, e inconciliáveis por outro, trata-se de garantir a função do terceiro. SILVA (2005, p.13)

A palavra controle segundo o dicionário Aurélio: Ato ou poder de controlar; domínio, governo. Fiscalização exercida sobre as atividades de pessoas, órgãos, departamentos, ou produtos, para que tais atividades ou produtos não desviem das normas preestabelecidas. [...] Autodomínio físico e psíquico. Comedimento, moderação.

Sob a Influência progressiva da associação americana de psicanálise, o termo, supervisão, por volta de 1960 substituiu o vocábulo controle. Todas as correntes do freudismo (anafreudismo, kleinismo, lacanismo, psicologia do ego) entendem que a supervisão/controle é uma das atividades junto com a análise e o estudo, necessária a todo praticante de psicanálise.

A supervisão tem uma implicação direta com a formação e, segundo Jerusalinky (2005, p. 17), “ela não é uma prática que se aplique meramente aos aprendizes. Mas uma prática necessária ao processo mesmo de análise (análise dos pacientes do analista)”. A supervisão sustenta o ato criativo da escuta, pois, se no fazer clínico, a fala provoca lacunas e lugares vazios, a escuta também provoca estes lugares, e como disse Lacan, “a resistência é sempre a do analista”.

Entendemos que a prática da supervisão tem uma dupla função: a qualidade do trabalho e a formação do futuro profissional. A primeira nos proporciona certo alívio das angústias provocadas pela clínica, como também, pode nos situar entre encantamentos e fascínios, como diz Jerusalinsky (2005, p. 18) “percebermos as hiências do discurso, por isso, descentramos a escuta para situar as bordas do dito“. A segunda, a transmissão. Um fazer relatado, a partir do dizer de um Outro, que nos ajuda a descobrir aquilo que muitas vezes costumamos a reconhecer. A transmissão não se dá por um saber, mas nos convoca para a responsabilidade da escuta, nos põem em questão com nossa relação ao trabalho clínico.

A passagem pela supervisão suscitou questões sobre aquilo que vem do paciente e claro, aquilo que nós, enquanto estagiários, levamos à supervisão. Motivados por estas e outras questões construímos um estudo de intervenção nos grupos de trabalho da Clínica de Psicologia. As questões norteadoras foram: O que é supervisão? O que você entende por supervisão? Que lugar ocupa a supervisão no processo de formação do futuro profissional? E o que devemos levar à supervisão? Segue a partir disto nossa devolutiva.

Na fala dos grupos as idéias que apareceram foram diversas, porém em alguns aspectos se complementaram. A maioria afirmou que a supervisão seria um suporte da práxis, um auxílio ao atendimento, uma abertura de caminhos a seguir, pois como disse uma colega são muitos caminhos e a questão que surge é: como devo seguir? Como devo me posicionar? Como devo seguir o tratamento? O que faço? Tem que ser feito, mas como? Mil ruas, por qual seguir?

Alguns estagiários acreditam que não seja necessário levar tudo para a supervisão, pois pensam que podem chatear o supervisor transformando, assim, um momento de produção em meras repetições. Aquilo que julgam ser ruim em suas produções, ou o que seriam suas escolhas pessoais, seus desprezos e suas angústias podem ficar de fora, assim, selecionam o



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

material que levam para que só apareça o que foi bem feito. Leva-se aquilo que julgam ser mais importante, como foi dito “pincela-se“. Mas, o que seria este mais importante? Seria talvez uma tentativa de controlar a fala? .

Segundo os grupos, a clínica provoca muita angústia, pois são muitas exigências para pouca ajuda. A angústia surge também quando se pensa no que levar para a supervisão. Deve-se levar os erros ou só os acertos? Pode-se fazer uma prévia interpretação e levar somente isto ou deve-se relatar tudo o que escutou, toda a ‘historinha’? Nos reportamos a um relato da Psicanalista Claude Halmos que foi supervisionanda de Lacan entre 1974 e 1979, ela nos diz:

Eu falava de vários casos. Lacan não demorou a dizer, “isso é tudo o que tem a me trazer como supervisão? Compreendi que não deveria vir com material bruto, mas refletir previamente sobre as notas tomadas durante as sessões. Várias vezes ele pontuava da seguinte forma: ‘Minha querida amiga você é formidável’ eu ficava doente com isso. Disse-lhe que estava ali para aprender e que não podia acreditar que fosse formidável. Ele respondeu: É exatamente esse o problema. (2005, p.10 Apud GAGEIRO).

A supervisão seria um lugar de acolhimento dessas angústias, dúvidas e questionamentos. Percebemos, ante a supervisão que temos resistência a alguns atendimentos, aparecem aí muitas questões particulares que refletem no trabalho, e estas podem ser apontadas através da supervisão. A supervisão seria uma base para a formação além da teoria.

Surgiram também falas sobre o funcionamento da supervisão, alguns questionaram sobre a delimitação do número de pacientes por supervisão e ainda, que o horário estabelecido por semana talvez fosse pouco. A partir disso, percebemos que cada supervisor tem seu método de trabalho, não é uma lei, e os supervisionandos entendem que a supervisão é sem dúvida, um auxílio no processo de formação, pois ela tem como pressuposto apontar os tropeços do que é enunciado no discurso. É uma forma de reconhecer em supervisão as nossas limitações na escuta ou nas intervenções de análise. Não se trata em supervisão de um saber do supervisor, com respostas prontas, relativas a uma verdade, mas de uma descoberta a partir do próprio relato do supervisionando.

Esses registros nos remeteram para alguns apontamentos como, por exemplo, o determinismo psíquico e a racionalidade através da fala. Podemos controlar a fala? Freud, a partir da Interpretação dos Sonhos e nos estudos da Psicopatologia Cotidiana, diz das produções inconscientes, e nos mostra que elementos de linguagem ganham poder se você investir neles quando dirigidos a um interlocutor que dê valor a fala e, conseqüentemente, produza um lugar de escuta. Estes elementos se transformam num produto relevante da vida do sujeito. Lacan (1964, p.89), nos diz assim, “É falso dizer que o significante no inconsciente está aberto a todos os sentidos. Ele constitui o sujeito em sua liberdade, mas isto não quer dizer que ele não esteja determinado.“ O controle faz parte do desejo do sujeito, até mesmo como uma forma de sintoma. Controlar para tentar estancar as lacunas daquilo que transborda, daquilo que volta - sempre volta... A escuta do terceiro, e o endereçamento à ele permitem que as formações do inconsciente, como os lapsos, atos falhos entre outros encontrem um sentido de interpretação.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

A fala a partir do endereçamento deixa de ser um dito qualquer e passa a ter elementos, pois precipita, decanta... Enquanto futuros analistas, acreditamos na palavra? Acreditamos que sim! Pois, estamos implicados no discurso do sujeito. Não procuramos uma verdade, nem oferecemos um saber, mas acolhemos aquilo que vem a ser a verdade do sujeito. Se trabalhamos com a falta de saber, ou melhor, com o suposto saber, e da mesma forma que em análise o inconsciente do sujeito se impõe com as formações do inconsciente, na supervisão o inconsciente do analista aparece, e o que esperamos em supervisão não deixa de ser aquilo que é da transferência do analista, a supervisão é uma alter-escuta, um terceiro que, a partir do nosso relato, torna-se possível produzir elaborações da fala do sujeito. A prática da supervisão tem como primazia nos situar na transferência.

Cada ciência visa produzir um conhecimento capaz de responder ao não saber do objeto, assim, traça uma tentativa de conter o buraco da ignorância e a emergência de um real que é inapreensível e insuportável. A psicanálise dá ouvidos a um sujeito e o põe frente a uma falta, atribuímos a linguagem a possibilidade de existência deste sujeito. Conforme Luciano Elia (2010, p. 25) “a psicanálise é o único campo do saber e da experiência humana que toma em conta esse ponto real e o faz operar. Não porque ele produza um saber superior a de outros campos, mas precisamente porque ela subverte o lugar e o modo como qualquer saber pode ser produzido”. A partir da suposição de um sujeito do inconsciente qualquer saber é verdadeiro, pois é o ato da fala que conta, assim cabe dizer ainda que é mediante nosso encontro com o supervisor que temos a oportunidade de colocar o que é da fala do paciente e o que é de nossa fala em implicação.

Referências Bibliográficas

ANUÁRIO: CLÍNICA DE PSICOLOGIA DA UNIJUI. Nº2 - 2005.

CORREIO DA APOA. Porto Alegre, n. 142, dezembro 2005.

DRÜGG, Ângela M. S. FREIRE, Kenia S. CAMPOS, Iris F. A. (Orgs.). Escritos da Clínica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

ELIA, Luciano. O Conceito de Sujeito. RJ: Jorge Zahar Ed. 2010 – 3º Ed. (Coleção Psicanálise passo-a-passo).

FREUD, Sigmund. Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise – 1912 v. XII. In: ____ Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud. RJ: Imago [200?]

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964) – 2º ed. – RJ: Jorge Zahar Ed. 1998.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Onde Fala um Analista. Nº 29 – dezembro de 2005.

ZUBERMAN, José A. [et al] Análise de Controle. Porto Alegre: CMC Editora, 2008.